



ARTIGO ORIGINAL

A experiência da romaria do Divino Espírito Santo: promoção de saúde na comunidade litorânea da Barra do Ararapira (PR)

The experience of the pilgrimage of Divine Holy Spirit: health promotion in the coastal community of Barra do Ararapira (Paraná State – Brazil)

RESUMO

Este trabalho aborda a Romaria do Divino Espírito Santo, na comunidade da Barra do Ararapira, município de Guaraqueçaba, litoral norte do Estado do Paraná. Seu objetivo principal é resgatar e registrar a experiência da tradição romeira, enquanto um saber do catolicismo popular transmitido de geração em geração, bem como averiguar sua potencialidade na promoção da saúde na comunidade. Para tanto, utiliza a metodologia da observação participante durante a Romaria de 2015, bem como a técnica da escuta realizada com velhos moradores. Nos resultados, apresenta como as tradições religiosas estão conectadas ao processo saúde-doença, promovendo saúde e reorganizando a vida das pessoas.

PALAVRAS-CHAVE:

Tradição.
Romaria do Divino.
Saberes.
Promoção de Saúde.

Natália dos Santos Esteves

- Psicóloga. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável – Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Marisete T. Hoffmann-Horochovski

- Doutora em Sociologia. Professora da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral.

DOI: 10.19177/cntc.v5e8201621-28

CORRESPONDENTE:

Natália dos Santos Esteves

Avenida Ararapira, 227.
Guaraqueçaba/PR
CEP:83.390.000

E-MAIL:

nat_psico@hotmail.com

Recebido: 17/12/2015

Aprovado: 26/06/2017

ABSTRACT

This article addresses the Pilgrimage of Divine Holy Spirit, in the community of Barra do Arapira, municipality of Guaraqueçaba, northern coast of Paraná State (Brazil). The main objective is to recover and record the experience of pomegranate tradition as a knowledge of popular Catholicism transmitted from generation to generation, as well as investigate its po-

tential in promoting health in the community. To do so, we use the methodology of participant observation during the Pilgrimage of 2015, as well as the listening technique with the old residents. In the results, we show how the religious traditions are connected to the health-disease process, promoting health and rearranging people's lives.

Keywords: Tradition, Pilgrimage of Divine, Knowledge, Health Promotion.

INTRODUÇÃO

Este trabalho traz algumas reflexões sobre a Romaria do Divino Espírito Santo, numa comunidade do município de Guaraqueçaba, litoral norte paranaense. É fruto de um Projeto de Aprendizagem (PA), realizado no Curso de Graduação em Saúde Coletiva no Setor Litoral da Universidade Federal do Paranáⁱ, intitulado Saberes dos Antigos, que tem por objetivo resgatar e registrar histórias, experiências e conhecimentos dos mais velhos, que foram tradicionalmente transmitidos de geração para geração, através da oralidade. No caso específico deste artigo, conhecimentos ligados à crença no sagrado.

A Romaria ou Folia do Divino Espírito Santo é uma tradição do catolicismo popular que ocorre em várias regiões do Brasil desde o período Colonial, mas com características diferentes dependendo do espaço geográfico em que se encontra. Ramos¹ (2012, p.20) assim a define.

A Folia do Divino é uma romaria musical na qual um grupo de músicos empreende um itinerário (em geral muito extenso) no qual se visita casa por casa dos devotos do Divino Espírito Santo de uma dada região. Nessas visitas se faz um curto ritual do qual a música tem intensa participação. Esse ritual serve para promover uma 'visita' do Divino Espírito Santo em cada casa (...). A festa ocorre reunindo toda a comunidade, em geral na última semana ao final do período de itinerário dos foliões, iniciado pela Páscoa e terminado em Pentecostes.

Simbolicamente, representa um encontro com o sagrado dentro do espaço doméstico: é o Espírito Santo que adentra na casa do devoto para abençoá-la e purificá-la. E isso, durante muito tempo, foi motivo de reverência e veneração. Atualmente, apesar de ser frequente ainda em algumas regiões, a Romaria do Divino já não existe mais em outras; reflexo do processo de urbanização/modernização. Onde sobrevive, contudo, permanece forte, eivada de simbolismos.

Como expressão popular do catolicismo, de acordo com Souza² (2013, p.5), a Folia é organizada e praticada "por leigos que buscam, em maior ou menor grau, manter sua autonomia enquanto fiéis, ao mesmo tempo em que se declaram filhos da Igreja". É, portanto uma prática cultural e social, além de religiosa. Uma prática que integra a memória coletiva⁴ de uma determinada comunidade ou grupo social e traz elementos da oralidade, uma vez que representa através da narrativa^{4,5}, as características territoriais e os aspectos singulares da experiência em contexto local.

Na comunidade estudada, a da Barra do Arapira, a Romaria que serve de base para essas considerações, ocorreu entre os dias 17 a 20 de abril de 2015. Os visitantes, que acompanharam o festejo, saíram da cidade de Paranaguáⁱⁱ no dia 17 pela manhã, e seguiram durante aproximadamente seis

i O Projeto Político Pedagógico (PPP) da UFPR, Setor Litoral, é estruturado em três eixos fundamentais: FTP (Fundamentos Teórico-Práticos), ICH (Interações Culturais e Humanísticas) e PA (Projeto de Aprendizagem). Este último visa fundamentalmente desenvolver a autonomia do educando por meio da realização de projetos de seu interesse que possibilitem a melhor compreensão da realidade local, bem como o desenvolvimento da criticidade e da criatividade³.

ii O litoral paranaense é composto por sete cidades – Guaraqueçaba, Antonina, Morretes, Paranaguá, Pontal do Paraná, Matinhos e Guaratuba –, distribuídas num território de 6.333.233 Km², que corresponde à maior área contínua da Floresta Atlântica do Brasil, e com uma população total de 269.858 mil habitantes. Paranaguá é a maior cidade da região com 142.452 e Guaraqueçaba é a menor, com população de 7.871 mil habitantes⁶.

horas de barco até a comunidade. A travessia marítima Paranaguá – Barra do Ararapira, assim como toda a Romaria expressa muita fé e devoção. São dias intensos, em que a religiosidade musical devota ao Espírito Santo inicia quando da saída do barco, e prossegue na comunidade (Figura 1).

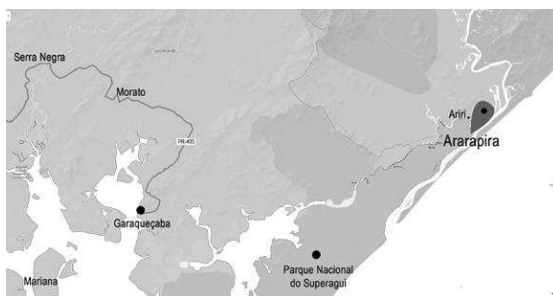
Figura 1 - Chegada da Romaria do Divino Espírito Santo na comunidade Barra do Ararapira.



Fotografia: Natália dos Santos Esteves (2015)

A Barra do Ararapira, pertencente ao município de Guaraqueçaba, está situada no extremo norte do Parque Nacional da Ilha do Superagui, exatamente na fronteira entre os estados de Paraná e São Paulo (Figura 2). Vale ressaltar que o Parque Nacional do Superagui, é uma área extremamente rica em termos de biodiversidade, comportando espécies ameaçadas de extinção, como, entre outras, o mico-leão-da-cara-preta e o papagaio-da-cara-roxa. Criado originalmente em 1989 e ampliado em 1997, quando, além da Colônia de Superagui, passa a englobar outras comunidades entre as quais a da Barra – é considerado Patrimônio Natural da Humanidade pela Unesco (1999) e Patrimônio Natural e Histórico do Paraná (1970), de acordo com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)⁷.

Figura 2 - Mapa da comunidade de Barra do Ararapira, Guaraqueçaba (PR)



Fonte: IPARDES⁶.

O acesso à comunidade é inevitavelmente marítimo, o que de certo modo contribui para o isolamento das pessoas que vivem ali, não fosse pela estreita relação com as comunidades vizinhas, pertencentes ao estado de São Paulo, como, por exemplo, Ariri (comunidade do município de Cananéias). E é justamente em Ariri (SP) que os adolescentes concluem a Educação Básica cursando o Ensino Médio, pois na Barra do Ararapira a escola é apenas até o Ensino Fundamental.

Na pequena comunidade da Barra, no ano de 2010, de acordo com os dados de Bazzo⁸ (2010, p.18), “estima-se que a população era de 132 moradores, 34 famílias nucleares e 45 residências ocupadas”. Entre suas características, destaca-se o fato de praticamente todos os moradores terem relações de parentesco, além de todos praticarem o catolicismo, fato este, que torna singular a experiência da tradição romeira lá.

A comunidade vive basicamente com os recursos da pesca artesanal, e da comercialização da cataia, planta nativa, cujas folhas são usadas para uso medicinal e para a produção da cachaça caicara. A bebida é produzida na região, inclusive há uma cooperativa de mulheres na comunidade que fazem o trabalho de secagem das folhas, e comercialização das mesmas.

Por fim, é importante dizer que a tradicional Folia, além de todas as características já apresentadas, é também uma atividade pela qual são transmitidos conhecimentos acerca do contexto local, tendo em vista que em cada região ela se apresenta de modo diferente, embora com a mesma definição, firmada pelos valores do catolicismo popular, há hibridações, tidas através das relações dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam.

Na Barra, por se tratar de um território cuja própria logística impõe restrições, quanto ao isolamento, a tradição romeira mantém firme em sua característica tradicional, e com características singulares que merecem atenção. Entre elas, e alvo do presente artigo, sua potencialidade em gerar e promover saúde na comunidade. Em outros termos, procuraremos aqui resgatar e registrar a Romaria do Divino na comunidade da Barra do Ararapira, município de Guaraqueçaba, refletindo sobre como essa tradição transmitida oralmente influencia na vida comunitária e, em especial, no processo saúde-doença.

METODOLOGIA

Uma das principais formas, quiçá a principal, de se conhecer uma festa religiosa, oriunda do catolicismo popular, é participando dela. É claro que outras metodologias como a da história oral, por exemplo, são muito importantes na construção desse conhecimento, posto que possibilita o trabalho com memórias individuais, que estão sempre atreladas à memória de uma coletividade^{4, 5, 9}. A escuta é fundamental, mas o observar também o é. E foram justamente eles que possibilitaram o desenvolvimento deste trabalho.

Através da observação participante, sendo esta um compromisso afetivo, que ocorre este relato. Nesta metodologia, somos ao mesmo tempo sujeito e objeto, sujeito enquanto as inquietações implicam a procura pelo saber, e objeto, quando entra, escuta, participa e registra.

Observar, por meio da participação, permite, segundo Cardoso¹⁰ (2004, p.103), “contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação” cuja interpretação se constrói na relação entre o pesquisador e o meio, sendo este não apenas um transmissor, mas um elo, cujo papel é mediar a informação.

Os registros ocorreram durante e após a experiência, repleta de significados. A participação durante a Romaria possibilitou que diversos aspectos fossem observados, além de permitir que algumas conversas com membros da comunidade fossem realizadas. Esse material, juntamente com a literatura sobre a temática, permitiu tecer reflexões sobre os papéis que as tradições religiosas exercem na vida das pessoas, e na comunidade de um modo geral, principalmente os referentes ao processo saúde-doença. E são justamente essas reflexões que compartilhamos aqui, pensando como uma experiência religiosa é uma estratégia de promoção de saúde para a comunidade.

DISCUSSÃO

Envoltos na atmosfera devota ao Divino, a experiência da Romaria na comunidade da Barra, revela a relação entre os saberes tradicionais, geralmente representados e retratados pelos mais velhos, o cunho religioso e devoto contido nestes saberes e fazeres, e o modo como são transmitidos, sendo a narrativa e a própria experiência os elementos essenciais.

Na comunidade, apesar da logística territorial, por se tratar de uma área de proteção ambiental e de relativo isolamento, a modernidade chegou. Há a captura de um sistema de consumo que não escapa a ninguém, e inúmeras problemáticas, principalmente relacionadas ao contexto local, que dificulta que os mais novos permaneçam ali, implicando no processo de transmissão das tradições, que gradativamente parecem ser menos valorizadas.

A tradição religiosa é algo que permanece muito forte no cotidiano da comunidade, principalmente o catolicismo popular, sendo que, conforme relato dos próprios moradores, todos são católicos, e muito resistentes quanto ao fato de outras igrejas se instalem ali.

Nos dias da Romaria, os costumes relacionados a fé e a devoção, são intensificados. Este é um registro importante para compreensão do cenário e da atmosfera “divina”, que de certo modo torna a comunidade mais acolhedora, pois os moradores recebem nesta data além dos romeiros, alguns visitantes que acompanham durante dois dias a passagem da Bandeira do Divino em todas as casas da comunidade, e que depois retornam para o destino de origem; enquanto os romeiros, responsáveis pelo grupo, mestres, tocadores e cantores, seguem levando a Bandeira nas outras comunidades das ilhas vizinhas. Vale ressaltar que a Bandeira, de cor vermelha e com a pomba branca no centro, representa o próprio Divino Espírito Santoⁱⁱⁱ.

A experiência dos que recebem a Bandeira em suas casas e de todos os que acompanham a procissão é muito significativa. Promove mudanças, sendo

iii Vitor Martins e Ivan Lins¹¹, na música “Bandeira do Divino” (1978) abordam a força desta tradição: “Os devotos do Divino vão abrir sua morada, pra bandeira do menino ser bem-vinda, ser louvada, ai, ai. Deus nos salve esse devoto pela esmola em vosso nome, dando água a quem tem sede, dando pão a quem tem fome, ai, ai. A bandeira acredita que a semente seja tanta, que essa mesa seja farta, que essa casa seja santa, ai, ai. Que o perdão seja sagrado, que a fé seja infinita, que o homem seja livre, que a justiça sobreviva, ai, ai. Assim como os três reis magos que seguiram a estrela guia, a bandeira segue em frente atrás de melhores dias. No estandarte vai escrito que ele voltará de novo, e o Rei será bendito, ele nascerá do povo, ai, ai”.

que a principal é a formação de um novo olhar acerca da vida de um modo geral; com certeza não somos os mesmos! Destarte, Souza² (2013, p.81-82) afirma que “o romeiro vê a romaria como um rito de passagem no qual os pecados do mundo profano são abandonados a partir da adoção de uma nova existência”.

A devoção tem papel fundamental no processo saúde-doença da comunidade, tendo em vista que, através da simbologia presente na ritualística, é possível transformar a realidade atual, de modo que a conexão entre as pessoas seja um elemento gerador de saúde, o que ocorre de forma intensa durante a romaria. Em cada casa que se passa, são cantadas algumas melodias, acompanhadas de versos improvisados pelo mestre, sendo que nas letras é retratada a singularidade de cada família e morador, sempre em devoção ao Divino Espírito Santo. Durante o cafézinho, todos sentam ao redor da mesa e a família oferece o café com “mistura”, com biscoitos e, em algumas casas, bolos. Este momento é muito rico, pois há o diálogo, as pessoas conversam, contam “causos”, há uma atmosfera de acolhimento coletivo, onde os mais velhos são os mestres, sendo deles a primeira palavra. É através de suas vozes que as histórias e os saberes retratam a vida cotidiana, bem como a cultura local, de modo real e singular.

Os mais velhos, tidos como mestres, cumprem o papel social de ser, como bem disse Bosi⁹, a memória da coletividade; de conhecer e transmitir as crenças, os saberes e fazeres que fazem parte da vida da comunidade. Suas lembranças, estão sempre relacionadas à memória coletiva, posto que foram construídas a partir de seus contatos com instituições e grupos sociais. Suas lembranças são, segundo Hoffmann-Horochovski⁵ (2008, p.137) “reconstruções, realizadas a partir dos referenciais do tempo presente, que traduzem o entrelaçamento entre passado e futuro, e entre individual e coletivo”. Embora, seja o indivíduo que traz suas lembranças, as mesmas representam o coletivo, uma vez que a dimensão simbólica da memória é ao mesmo tempo histórica e social.

Por meio das narrativas dos mais velhos, a oportu-

nidade de conhecer mais sobre os saberes acerca da tradição e dos rituais que compõem a festa, a Romaria do Divino Espírito Santo. Eles são os mestres da cerimônia, os que dominam o conhecimento sobre as características principais e os elementos que compõem o festejo, desde a dimensão cultural e histórica, até as vestimentas e os versos que são improvisados no momento.

No catolicismo popular, onde as narrativas e a simbologia correspondem ao conhecimento adquirido através das experiências, a memória e a oralidade são os instrumentos responsáveis pela transmissão do conhecimento. Denomina-se conhecimento, os costumes, crenças, e modos de vida, advindos da cultura popular, que conforme Pinheiro¹² (2013, p.19) emerge através dos mais velhos:

Ao seu modo, mantem em sua memória saberes e fazeres ancestrais, passados de geração em geração, ensinados de pais para filhos, de avós para netos, de velhos para jovens. Antes dos instrumentos legais e das políticas públicas eles já existiam e, para além delas, conservam como bem definiu HampâtéBâ: “a memória viva”.

A tradição da Romaria do Divino na comunidade permite que estes elementos voltem a ser utilizados novamente, fazendo parte do cotidiano das pessoas, sendo inúmeros os aspectos positivos, como a escuta, enquanto dispositivo que ocorre durante a trajetória, tendo em vista que a mesma é responsável pelo protagonismo dos mais velhos no cenário, uma vez que, é através dela que se dá voz aos mesmos. Bosi⁹ atenta para a capacidade de “escutadores infinitos” em seu trabalho sobre “memórias de velhos”, pois é fato que a escuta reverbera a capacidade de narrar, esta, que por sua vez, está intrinsecamente relacionada à capacidade de lembrar, tendo em vista ainda, que ambas são responsáveis pela afirmação das tradições populares, como também pelo processo de transmissão das mesmas, cuja capacidade se amplia ainda à de ressignificar o processo de envelhecimento, já que é através da figura do mais velho, que o saber é representado.

Na comunidade Barra do Ararapira, a devoção religiosa, conforme Bazzo⁸, “é a agulha” que interliga toda tessitura do território e comunidade, in-

cluindo os fios das memórias de parentesco, que são muito fortes. Ademais, o fato de todos partilharem da mesma religião, que interliga outras memórias, trazendo registros de sabedoria, e também de dor e sofrimento, diante das inúmeras problemáticas que os cercam, em especial as relacionadas ao território não apenas pelo distanciamento de tudo, o que os faz, segundo eles “entregues a vontade divina”, como também pelos transtornos referentes à erosão desencadeada pela dinâmica da barra, que ocorre também pelo fato de estarem próximos ao mar aberto. Nesse sentido, os moradores relataram que já foi necessário deslocar casas e até mesmo a igreja de lugar, pois quando a maré sobe provoca certa erosão e deslocamento territorial; embora ocorra de tempos em tempos, e de modo incerto, e apesar de lidarem bem com a situação, é notável a preocupação dos moradores, principalmente no que se refere aos transtornos e a insegurança provocada.

Deste modo, a “agulha” vai tecendo as relações, inclusive durante o percurso da Romaria, que inicialmente ocorre através da sensibilização decorrente das orações e músicas, depois a conversa acolhedora e a despedida, que é o momento em que são cantadas mais algumas músicas. A Romaria prossegue em direção à próxima casa, e a família que acabou de receber a bandeira segue junto para a próxima visita, e assim o grupo vai ficando cada vez maior, as pessoas vão se agrupando e caminhando juntas, todas impulsionadas pela fé e devoção.

Interessante aspecto observado também são as fitas; cada pessoa escolhe uma cor de fita, geralmente o branco e o vermelho que, como já dito, representam o Divino. Na sequência, a fita é medida pela estatura da pessoa, que faz agradecimentos e promessas escritas, para depois ser pendurada junto à Bandeira, que segue durante toda a Romaria. Este é um aspecto da devoção compreendido enquanto “graça” que cada família recebe em sua casa com a passagem do Divino, representado através da bandeira, junto às orações e expressões da fé, o que de certo modo promove em cada um que participa sentimentos de esperança.

Vasconcelos¹³ se refere ao conhecimento, atribuídos à ritualística, e relacionadas à potencialidade da forma simbólica e emocionada de elaboração mental, sendo muito antigas na humanidade. De acordo com o autor

místicos e teóricos da Psicologia Junguiana (fundada nos estudos de Carl Gustav Jung – 1875 a 1961) referem-se insistentemente a existência de uma dimensão da subjetividade humana mais profunda que o eu consciente, carregada de intenso dinamismo, cujo contato proporciona uma experiência fascinante e energizadora (Vasconcelos, 2011, p.34)¹³.

Essa experiência energizadora é um sentimento compartilhado coletivamente por todos aqueles que participam da Romaria. O observador não fica imune a esse processo. Assim, pode-se pensar que a experiência propiciada pela Romaria do Divino, enquanto tradição religiosa e cultural atua na promoção da Saúde, uma vez que reorganiza a vida das pessoas, incluindo seus valores e prioridades, tratando de suas fragilidades de forma acolhedora e sensível, provocando sentimentos de conforto e esperança, que estão necessariamente conectados ao processo saúde-doença.

Conforme as orientações da Saúde Coletiva, tendo em vista que, o conceito de saúde não está necessariamente conectado a ausência de doenças, nem mesmo a doença como ausência de saúde, ou de bem estar físico e/ou psíquico apenas. O conceito é compreendido de modo ampliado, pois implica o processo, uma vez que compreende a relação do sujeito com ele mesmo, com o meio, e com os outros, sendo este um processo dinâmico, em constante transformação.

Para isso muitos teóricos trabalharam no conceito de processo saúde e doença, como também no conceito de prevenção e promoção de saúde, para que o modelo cartesiano, biomédico, focado antes apenas nos sintomas ou ausência deles, pudesse ser transformado, valorizando assim as diversas possibilidades no campo da Saúde Coletiva, esta de base territorial, que compreende a potência da integração das pessoas com o meio em que vivem, sendo este inclusive, um dispositivo no trabalho de Prevenção de doenças, como a utilização

da própria cultura como estratégia de Promoção de Saúde, tendo em vista ainda, conforme Vasconcelos¹³ (2011, p.9), que o mesmo refere-se a “um processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo maior participação no controle dos serviços de saúde”.

É notável a integração entre as pessoas na comunidade, bem como entre as comunidades vizinhas. Além dos instrumentos da medicina tradicional, que muitas vezes tornam-se inacessíveis diante do contexto de isolamento, os membros da comunidade recorrem aos saberes das tradições religiosas, que embora não esteja visível, como através da presença de benzedeiras, o rezo se faz presente. Nesse sentido, os elementos da fé e da devoção estão intrínsecos nas relações pessoais, no cotidiano da comunidade, que utiliza do espaço da igreja católica, bem como das casas para se encontrarem, não apenas em dias especiais, mas com frequência. É a cultura religiosa o vetor de união e aproximação entre as pessoas, e que potencialmente constitui e mobiliza comportamentos saudáveis, desdobrando-se em transformações coletivas e individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a experiência da Romaria do Divino na comunidade da Barra do Ararapira, exerce papel para além do fortalecimento da cultura tradicional e religiosa, atuando também enquanto promotora de saúde para a população local.

A Romaria e a comunidade da Barra estão conectadas, pelos diversos desdobramentos já apresentados, e principalmente pelo caráter de resistência que ambas possuem. A Romaria por se

apresentar enquanto uma tradição que se caracteriza como patrimônio imaterial, cuja potência em ser transmitida de geração em geração, apesar das dificuldades, ainda prevalece, como também pela capacidade de gerar e promover saúde por onde passa. Assim também é a comunidade da Barra, resistente, pois apesar das inúmeras problemáticas referentes à logística, como também pela instabilidade territorial, continua ali, defendendo seu território de origem, seus costumes e tradições, e afirmando sua singularidade. Juntas, caracterizam a atmosfera divina que representa a potencialidade e força das tradições religiosas afirmadas no coletivo da comunidade, considerando a capacidade de transformação e força de gerar autonomia que possui as mesmas, e a necessidade e urgência de estarem cada vez mais atreladas e em diálogo com as políticas públicas.

Ressalta-se que este breve recorte não possui interesse em fechar nenhuma conclusão a respeito do tema, somente provocar e promover o diálogo, acreditando-se na urgência em criar visibilidade para questões como o fortalecimento e resgate da cultura tradicional e religiosa em diálogo com as políticas públicas de saúde, bem como o processo de ressignificação da velhice no cenário das questões sobre o envelhecimento e o registro dos saberes e fazeres tradicionais, implicados na problemática dos processos de ensino e aprendizagem, entre outros conceitos relacionados à sociedade moderna.

AGRADECIMENTOS

Aos mais velhos que nos instigam com seus saberes e fazeres, aqui representados por João G. Esteves.

À comunidade da Barra do Ararapira, pelo acolhimento e ensinamentos.

CONFLITOS DE INTERESSE

Declararam não haver.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Declararam não haver.

REFERÊNCIAS

1. Ramos CEAS. Ensino/aprendizagem da música da Folia do Divino Espírito Santo no Litoral Paranaense. [Dissertação]. Curitiba. Universidade Federal do Paraná; 2012. 139 p.
2. Souza RL. Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular. [Dissertação]. Natal. IFRN; 2013. 160 p.
3. UFPR. Projeto político pedagógico Setor Litoral. Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. [citado em 2015 Nov. 19.]. Disponível em: <http://www.litoral.ufpr.br/htmls/projetopedagogico2008.htm>
4. Halbwachs M. Memória coletiva. São Paulo: Centauro; 2004.
5. Hoffmann-Horochovski M T. Memórias de Morte e outras Memórias: Lembranças de Velhos. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.
6. IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Zoneamento da Área de Proteção Ambiental - Apa de Guaraqueçaba Municípios e regiões. 2001. [citado em 2015 Nov. 19.] Disponível em: <http://www1.ipardes.pr.gov.br>
7. ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Parque Nacional do Superagui. 2001. [citado em 2015 Nov. 11]. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br>
8. Bazzo J. Mato que vira Mar, Mar que vira Mato: O Território em Movimento na vila de pescadores da Barra de Ararapira - Ilha de Superagui, Guaraqueçaba, Paraná. [Dissertação]. Curitiba. Universidade Federal do Paraná; 2010. 291 p.
9. Bosi E. Memória e Sociedade, lembranças de velhos. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras; 2001.
10. Cardoso RCL. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: A aventura antropológica: teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra; 2004.
11. Martins V; Lins I. A bandeira do Divino. Odeon: Brasil, 1978.
12. Pinheiro CG. Narrativas de educação e resistência: a prática popular griô de Dona Sirley. [Dissertação]. Pelotas. Universidade Federal de Pelotas; 2013. 130 p.
13. Vasconcelos EMA. espiritualidade no trabalho em Saúde. São Paulo: Hucitec; 2011.